

ESPÉCIES POTENCIAIS PARA EXPLORAÇÃO DE PRODUTOS FLORESTAIS NÃO MADEIREIROS, NA ZONA DA MATA MINEIRA

Josmaile de P. BRAZ¹; Laércio A. G. JACOVINE²; Valéria de F. SILVA³

RESUMO

A exploração e comercialização de produtos florestais não madeireiros (PFNMs) é uma forma promissora para o produtor rural obter uma fonte de renda usando as áreas de APP e RL. Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi identificar espécies florestais com potencial de extração e comercialização de PFNMs, que possam ser introduzidas em áreas de APP e RL da Zona da Mata mineira, para a geração de renda ao produtor rural. Quatorze espécies exploradas no Brasil para extração de PFM foram estudadas, a partir de pesquisa na literatura. Em seguida, foi comparado as características edafoclimáticas das espécies (temperatura média, precipitação média anual, textura e drenagem do solo) com as características da região. Os resultados indicaram que as espécies *Euterpe edulis*, *Ilex paraguariensis*, *Caryocar brasiliense*, *Copaifera langsdorfii*, *Hancornia speciosa* e *Araucaria angustifolia* apresentam exigências edafoclimáticas compatíveis com a região. Portanto, entende-se que essas espécies podem ser cultivadas em áreas de APP e RL para fins de extração e comercialização de PFNMs na Zona da Mata, e assim, diversificar a renda do produtor rural.

Palavras-chave:

Extração; Produtor rural; Renda.

1. INTRODUÇÃO

Os Produtos Florestais não Madeireiros (PFNMs) são quaisquer produtos oriundos da floresta, que não seja madeira, podendo ter origem vegetal (exemplo: frutos), animal (exemplo: mel) ou de fungos (MACHADO, 2008). Na atualidade, os PFNMs têm recebido destaques como alternativas de conservação da biodiversidade, e com o mercado em expansão, se tornado uma fonte de renda aos produtores rurais brasileiros (BENTES-GAMA, 2005).

A Zona da Mata, em Minas Gerais, teve sua vegetação nativa intensamente reduzida no passado para a realização de atividades agrárias, sendo o plantio de café a principal delas (VALVERDE, 1958). Na atualidade, o Código Florestal (Lei 12.651, de 25 de maio de 2012) tem sido uma alternativa para resolver essa situação ambiental da região, estabelecendo a Área de Preservação Permanente (APP) e a Reserva Legal (RL) nas propriedades rurais. Essas áreas são de preservação e, em alguns casos, recomposição da vegetação nativa (CIPRIANI & VIEIRA, 2013), podendo introduzir espécies exóticas em algumas situações de pequenas propriedades.

A existência de APP e RL pode ser visto como obstáculos para o desenvolvimento econômico, porém, essas áreas são capazes de trazer benefícios ao produtor rural, incluindo econômicos, sendo

1 Pesquisadora, Universidade Federal de Viçosa. E-mail: josmaile.braz@ufv.br

2 Orientador, Universidade Federal de Viçosa. E-mail: jacovine@ufv.br

3 Orientadora, Universidade Federal de Viçosa. E-mail: valeria.fatima@ufv.br

um deles a exploração comercial de PFSM (CIPRIANI & VIEIRA, 2013). Dessa forma, o objetivo do trabalho foi identificar espécies vegetais com potencial de extração e comercialização de PFSM, que possam ser introduzidas em APP e RL da Zona da Mata, para geração de renda ao produtor rural.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Quatorze espécies exploradas no Brasil para extração de PFSM foram estudadas. As espécies foram identificadas, a partir do relatório de Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS) de 2019, que é responsável por fornecer informações estatísticas sobre o valor e a quantidade dos principais PFSMs nativos, obtidos a partir da exploração de florestas nativas, extrativismo vegetal e da Silvicultura.

Uma pesquisa na literatura foi realizada para conhecer as exigências das espécies. Em seguida, esses dados foram comparados com as características da Zona da Mata, para saber quais espécies são compatíveis com as condições ambientais da região e, portanto, apresentando potencial de plantio em áreas de APP e RL da região.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Zona da Mata mineira, localizada ao sudeste de Minas Gerais, está inserida no bioma Mata Atlântica e apresenta como fitofisionomias as florestas ombrófilas (densa, aberta e mista) e as florestas estacionais semidecíduais e decíduais (SOUZA et al., 2009). Conforme a classificação de Köppen-Geiger, a região possui dois tipos climáticos: Aw (Clima tropical de savana de temperatura média oscilando entre 22 e 23°C e precipitação média anual entre 1300 e 1400 mm) nas regiões mais baixas; e Cwb (Clima tropical de altitude de Temperaturas médias variando de 20°C e 23°C e precipitação média anual maiores que 1400 mm) nas regiões mais altas (SILVA, 2014).

Os tipos de solo na região são: Latossolo (vermelho-amarelo distrófico e o amarelo distrófico), que caracteriza-se por ser de textura argilosa ou média e de bem moderadamente drenado; Argissolo (vermelho-amarelo distrófico e o eutrófico), que possui textura de média à argilosa e drenagem moderada; Cambissolo háplico Tb distrófico, apresenta textura argilosa; e Neossolo litólico (distrófico e o eutrófico) que possui textura variada indo do arenoso ao argiloso (CETEC, 2008; SILVA et al., 2005; VALLADARES, 2002).

Na Tabela 1 são mostrados as espécies e os resultados de temperatura, pluviosidade e o tipo de textura e drenagem do solo exigido por elas:

Tabela 1 – Temperatura média (T_{méd} - em °C), precipitação média anual (P – em mm), textura (Tx) e drenagem (D) do solo das espécies (Esp) estudadas.

Esp	T_{méd}	P	Tx	D
<i>Euterpe edulis</i> Mart.	17,0 - 26,0	1.000 - 2.200	Argilosa	Bem drenado
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	22,0 - 27,0	1300 - 3000	Argilo-siltosa ou média	Bem drenado
<i>Anacardium occidentale</i> L.	27,0	800 - 1500	Areno-argilosa	Bem drenado
<i>Bertholletia excelsa</i> H. B. K.	24,3 - 27,2	1400 - 2800	Argilosa ou argilo-arenosa	Bem drenado
<i>Ilex paraguariensis</i> St. Hil	12,0 - 24,0	1100 - 2000	Média ou argilosa	Bem drenado
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes.	25,0	> 750	Arenosa ou areno-argiloso	Bem drenado
<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess	17,6 - 25,6	900 - 2250	Sílico-argilosa	Bem drenado
<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	21,0	> 2000	Areno-argilosa	Bem drenado
<i>Spondias tuberosa</i> L	24,0 - 28,0	400 - 800	Arenosa ou argilosa	Bem drenado
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	12,0 - 18,0	1250 - 2450	Argilosa ou franco-argilosa	Bem drenado
<i>Hevea brasiliensis</i> Muell Arg.	≥ 20,0	2.000 - 4000	Média ou argilosa	Bem drenado
<i>Copernicia purnifera</i> (Mill.) H. E. Moore.	26,0 - 35,0	< 800	Argilosa	Mal drenado
<i>Capaifera langsdorfii</i> Desf	17,7 - 30,2	800 - 2400	Franca argilosa ou argilosa	Bem drenado
<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Forsyth f	24,8 - 29,7	1200 - 2500	Arenosa ou argilosa	Bem drenado

Fonte: Campos Filho e Sartorelli, 2015; IBGE, 2019; Lorenzi, 1992; Noblick, 1986. (Adaptado pelo autor).

As espécies *E. edulis*, *I. paraguariensis*, *C. brasiliense*, *C. langsdorfii*, *H. speciosa* e *A. angustifolia* apresentam as exigências edafoclimáticas compatíveis com as características de clima e solo da Zona da Mata. O site do projeto Flora do Brasil 2020 relata que as seis espécies ocorrem em Minas Gerais. Dessa forma, percebe-se que os resultados desse estudo foram concisos com o registro do site. Para as demais espécies é necessário realizar mais investigações.

Por fim, entende-se que o uso das espécies *E. edulis*, *I. paraguariensis*, *C. brasiliense*, *C. langsdorfii*, *H. speciosa* e *A. angustifolia* em áreas de APP e RL, com a finalidade de extração e comercialização de seus PFM é uma forma de diversificação da renda do produtor rural.

4. CONCLUSÕES

As espécies *E. edulis*, *I. paraguariensis*, *C. brasiliense*, *C. langsdorfii*, *H. speciosa* e *A. angustifolia* exigem condições de clima e de solo que se assemelham às apresentadas na Zona da Mata mineira e, portanto, podem ser cultivadas em áreas de APP e RL da região para fins de

comercialização de PFNMs.

5. REFERÊNCIAS

CAMPOS FILHO, E. M.; SARTORELLI, P. A. R. **Guia de árvores com valor econômico**. São Paulo :Agroicone, “Iniciativa INPUT”. 2015. 141p.

CETEC. Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais. Mapa de Solos do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte: CETEC, 2008. Escala 1:600.000.

CIPRIANI, H. N.; VIEIRA, A. H. **Área de Preservação Permanente (APP) e Reserva Legal (RL)**. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2013.

GAMA, M. de M. B. **Importância de produtos florestais não madeireiros (PFNM) para a economia regional**. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2005. 6p.

IBGE. **Pesquisa da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS)**. 2019. Disponível em:< <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pevs/quadros/brasil/2019>>. Acesso em: 02 jul. 2021

JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. **Flora do Brasil 2020**. 2021. Disponível em: < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 02 jul. 2021.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Editora Plantarum Ltda. Nova Odessa, São Paulo, 1992. 368 p.

MACHADO, F. S. **Manejo de Produtos Florestais Não Madeireiros: um manual com sugestões para o manejo participativo em comunidades da Amazônia**. Barro Branco: PESACRE - Grupo de Pesquisa e Extensão em Sistemas Agroflorestais do Acre, CIFOR - Centro Internacional para Pesquisa Florestal, 2008. 105p.

NOBLICK, L. R. **Palmeiras das caatingas da Bahia e as potencialidades econômicas**. In: Simpósio sobre a Caatinga e sua exploração racional, 1986, Brasília, DF. Anais... Brasília, DF: EMBRAPA, 1986. p. 99-115.

SILVA, F. H. B.B. da; SILVA, M. S. L. da; CAVALCANTI, A. C. **Descrição das principais classes de solos**. Recife, PE: Embrapa Solos - UEP Recife: Centro Nacional de Pesquisa de Solos – CNPS, 2005.15p.

SILVA, I. O. da. **A distribuição espacial das chuvas na Zona da Mata de Minas Gerais sob a influência do relevo**. 2014. 62f. Monografia (Especialização em Geografia) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. Disponível em: <<http://www.geo.ufv.br/wp-content/uploads/2015/03/Ivan-Oliveira-da-Silva.pdf>>. Acesso em 26 jun. 2021.

VALLADARES G. S. **Caracterização dos solos e classes de terra para irrigação do Oeste da Bahia**. Campinas: Embrapa Monitoramento por Satélite, 2002. 46p.

VALVERDE, O. Estudo Regional da Zona da Mata de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 3-79.1958.